

## O HUMOR: UM ESTADO DE ESPÍRITO OU UMA VISÃO DE MUNDO

Alfredina Rosa Oliveira do Vale (UEPB)

### 1. Considerações iniciais

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a análise de uma pequena, porém, significativa amostra de dados relativa ao projeto de doutorado que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Trata-se de uma pesquisa que pretende mergulhar em um espaço bem mais amplo e profundo: o universo da Análise de Discurso.

Tomando por base a afirmação de L. Wittgenstein (*Aforismo*, 1949) – *O humor não é um estado de espírito, mas, uma visão de mundo*. – procuraremos revelar o humor, instrumento, *a priori*, provocador do riso, como uma das chaves possíveis de compreensão dos códigos culturais e ideológicos da sociedade humana. Partimos, portanto, do pressuposto de que no humor das piadas que “repetem estereótipos considerados universais” (POSSENTI, 2000, p. 43), está camuflado o “verdadeiro” discurso, o não dito ou dito de forma comprometedora. Assim, o leme norteador desta pesquisa, é o seguinte questionamento: qual o verdadeiro discurso que está submerso no oceano profundo das piadas sexistas?

Muitos são os aspectos da condição humana possíveis de serem observados na piada, nosso objeto de estudo, a exemplo do cômico, da surpresa, da crueldade, da ironia, da sátira, da paródia, do chiste... Na perspectiva discursiva é possível estudar-se a piada através de uma abordagem histórica, ideológica, cultural, educacional, procurando evidenciar os estereótipos preconceituosos cultivados na sociedade brasileira. Numa visão pragmática, é possível desvendar a intencionalidade do autor/falante (o querer dizer), e a aceitabilidade do leitor/ouvinte (o querer entender). E, observando o aspecto lingüístico, é possível afirmar ser a ambigüidade e a metáfora os principais fenômenos lingüísticos provocadores dos efeitos humorísticos de sentido da piada. Procuraremos, assim, demonstrar que a ambigüidade, uma faceta especial da linguagem, no gênero piada, não é uma imprecisão, visto que ela é planejada e intencional.

### 2. Considerações teóricas

#### ○ O humor: o contexto histórico

Apesar de em muitos momentos ter sido evitado, por muitos pesquisadores, o humor tem sido estudado por muitos outros desde a Antigüidade. Percebemos, portanto, logo de princípio tratar-se de um tema tabu.

Em sentido amplo, o humor é entendido como qualquer mensagem que tem como objetivo principal provocar o riso. Todavia, tal afirmação parece partir de um pressuposto equivocado, visto que, de acordo com Bremmer e Roodenburg (2000, p. 15), “nem todo riso é fruto do humor”. O riso pode ser usado como instrumento de sedução, de apaziguamento, de aproximação entre pessoas estranhas, como índice de concordância para desfazer tensões emocionais... O que o faz fascinante é o fato de que ele “torna suportável o insuportável”, afirma Driessen (2000, p. 262). Então, o que o humor e o riso têm em comum? Ambos são fenômenos determinados pela cultura. Assim, o humor pode ser entendido como um poderoso instrumento possível de ser usado não somente para verificarmos, como compreendermos diferentes modos de pensar e agir, moldados pela cultura e pela ideologia.

O termo humor entendido como *facécia*, *comichidade*, familiar ao homem moderno, foi registrado pela primeira vez na Inglaterra, pelo *Concise Oxford Dictionary*, em 1682. Entretanto, Voltaire – pseudônimo de François-Marie Arouet (1694-1778) – escritor francês, discorda desta

proposta, alegando que a acepção inglesa, foi empregada pela primeira vez pelo poeta dramático francês Pierre Corneille (1606-1684) em suas primeiras comédias. O que se tem como verdade é que a acepção inglesa *humour* tem sua origem no francês *humeur*, no sentido em que era usado na Antigüidade Clássica, isto é, fazendo referência aos quatro humores: sangue, bile amarela, fleuma ou pituita e bile negra ou atrabilis. Como tais líquidos eram, segundo os antigos, determinantes das condições físicas e mentais dos indivíduos, fica, assim, evidente que nesta perspectiva, aos humores eram atribuídos o temperamento, o caráter ou comportamento. Por conseguinte, esta acepção é entendida como o estado de espírito de cada indivíduo.

Entretanto, agora falando da acepção moderna, “é mais que duvidoso o fato de o significado inglês contemporâneo derivar também da França”, afirmam Bremmer e Roodenburg (2000, p. 14). O que para nós é mais importante, nesta ocasião, é que tanto o humor quanto o riso são fenômenos determinados pela cultura. Compreender, por conseguinte, o senso de humor de uma comunidade é um grande passo para se verificar o discurso que permeia os diversos gêneros humorísticos que circulam entre os indivíduos que a compõem. Portanto, defendemos a tese de que o humor, entendido como uma visão de mundo, é determinado pelas identidades cultural e ideológica vigentes em cada sociedade. Tal concepção exige a desconstrução do sujeito cartesiano. Assim, na tentativa de entender esse processo, comentaremos, com brevidade, alguns momentos teóricos, ocorridos principalmente no Século XX, que nos auxiliarão na compreensão da concepção do sujeito moderno.

- A análise do discurso: o contexto epistemológico

Tomemos como ponto de partida a teoria dos teóricos do socialismo, os filósofos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), fundada no materialismo dialético, e que se desenvolveu através das teorias da luta de classes e da elaboração do relacionamento entre o capital e o trabalho do que resultou a criação da teoria e da tática da revolução proletária (v. FERREIRA, 1999, p. 1293). Tal teoria, reinterpretada nas décadas de sessenta e setenta, revelou os indivíduos como não-autores ou não-agentes da história, uma vez que eles, de acordo com Hall (2005, p. 34-5), só “podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por gerações anteriores”. Nesta perspectiva as ideologias são entendidas, segundo Mussalim (2001, p. 103), como “um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção”: a divisão do trabalho entre empregadores (aqueles que são donos do capital) e empregados (aqueles que vendem a mão-de-obra). O Estado – aparelho repressivo – funciona através do poder, da força, da violência. Suas ações são complementas e perpetuadas pelas instituições, a exemplo da família, da escola, da religião, do sindicato, da mídia, da cultura etc. Os conhecidos aparelhos ideológicos do Estado, na concepção de Louis Althusser (1918-1990), em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970). Para este teórico francês, famoso pela releitura de conceitos fundamentais do marxismo com base nas categorias do estruturalismo, “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência” (v. BRANDÃO, 2004, p. 24-6).

Já a teoria do neuropsiquiatra austríaco, Sigmund Freud (1856-1939), diferentemente daquela da Razão – *o penso, logo existo*, do sujeito de Descartes – desconstrói, segundo Hall (2005, p. 36), “o conceito de sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada”, com base na descoberta do inconsciente. A partir de então, o conceito de sujeito “sofre uma alteração substancial”, diante dessa recente concepção: a de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente. Jaques Lacan (1901-1981), psicanalista francês, que reinterpretou Freud à luz das categorias da lingüística estruturalista, assume o inconsciente como “o lugar desconhecido de onde emana o discurso do Outro”, (os aparelhos ideológicos do Estado, de Althusser). É em relação a este Outro que “o sujeito se define e ganha identidade”, adverte Mussalim (2001, p. 107). Assim, o sujeito é formado na relação com os outros, na idéia metafórica da “fase do espelho” defendida por Lacan. Tal concepção apreende o “eu” através do olhar do

“Outro”. Nesta fase, a criança, retomando Hall (2005, p. 37), começa a relacionar-se com os sistemas de representação simbólica, “incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual”.

Na perspectiva do linguísta suíço, Ferdinand de Saussure (1857-1913), conforme ainda afirmação de Hall (idem, p. 40), “nós não somos, em nenhum sentido, os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua”. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Por conseguinte, falar uma língua, retornando à reflexão de Hall (ibidem), significa “ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Assim sendo, nossas declarações têm por base afirmações já ditas, as quais, na grande maioria das vezes, nem temos consciência.

Não podemos, neste breve percurso, deixar de mencionar o filósofo e historiador francês Michel Foucault. Este estudioso faz referência ao “poder disciplinar”, aquele que está preocupado em regular e vigiar, não somente o indivíduo, como também o seu corpo. A ginástica, os exercícios, os cosméticos, as dietas, o desenvolvimento muscular, a nudez... tudo remete ao poder exercido sobre o corpo. Todavia, o poder não deve ser entendido como um fenômeno de dominação de alguns sobre a maioria, ou de uns sobre outros. O poder não se trata de um bem material, do qual alguns se apropriam. Para Foucault (2004, p. 183), “o poder é algo que só funciona em cadeia”, ou seja, “em rede”. Isto significa dizer, que mesmos os indivíduos que exercem papéis de submissão, em algum momento também podem exercer o poder. Os maridos em relação às suas mulheres: estas são submissas (de modo geral) em relação àqueles que exercem o poder patriarcal. Estes mesmos maridos em relação a seus empregadores: estes ordenam e aqueles executam. As mulheres-mães em relação a seus filhos menores: estes obedecem às ordens advindas daquelas. Tais exemplos, entre inúmeros outros papéis sociais, justificam a afirmação de Foucault: “o poder nunca está localizado aqui ou ali”. Assim sendo, presos às garras do poder, “os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação” (idem). Portanto, sendo o poder uma prática social, ele é constituído historicamente.

É neste contexto de ruptura com uma conjuntura política e epistemológica, que Michel Pêcheux, articulando a Lingüística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, desenvolve o estudo do discurso, concebendo o sujeito e os sentidos como históricos e ideológicos. A partir de então, podemos estudar, pesquisar e analisar como as relações de poder são significadas, são simbolizadas. Pêcheux, portanto, conforme afirmação de Alcalá (2005, p. 16), “mobiliza conceitos originários da teoria marxista e da psicanálise freudiana, na respectiva releitura feita por Althusser e Lacan, para repensar a língua saussuriana e formular um novo objeto: o discurso”.

- A piada: o lugar de revelação de estereótipos preconceituosos

As piadas, em regra geral, são divulgadoras de discursos que operam com base em representações estereotipadas, portanto, um discurso de mais difícil acesso ao leitor/ouvinte. Por conseguinte, o sucesso da piada depende muito mais do contexto histórico-social do que da genialidade do seu enunciador. Quando sexistas repetem estereótipos que provavelmente determinam que as piadas sejam consideradas culturais. Possenti (2000, p. 43) afirma que alguns estereótipos “poderiam até ser considerados universais” (citação esta já mencionada na introdução deste trabalho). Tal universalidade, porém, é mais abrangente... “não só no sentido de que provavelmente todos os povos produzem piadas, mas no sentido de que elas versam sobre poucos tópicos”, que aqui chamamos de temas (idem, p. 44).

Assim, grande parte das piadas que procuram construir a identidade do sujeito mulher, quase sempre o fazem a partir dos seguintes clichês: loura burra, esposa adúltera, sogra insuportável, entre outros. Percebe-se de imediato que grande parte das piadas enfatiza temas que infringem regras sociais de bom comportamento. A mulher parece carregar através dos séculos o estigma de pecadora, de transgressora, de leviana, de interesseira. Aquela que é responsável pelos desvios do homem. Logo, as piadas germinam em solo fértil de competições e preconceitos cultivados durante séculos.

- A ambigüidade: uma faceta especial da linguagem

As piadas, continuando com Possenti (2000, p. 40), “operam com as ambigüidades, sentidos indiretos, implícitos”. Assim, num primeiro momento, as piadas parecem permitir a realização de uma leitura óbvia. Porém, percebe-se, a seguir, que em geral elas permitem uma outra leitura bem mais óbvia, reveladora de um certo desprezo dos homens em relação às mulheres, nas piadas sexistas.

A ambigüidade – produção de sentido duplo – é um recurso lingüístico, que, para alguns leitores/ouvintes pode dificultar a compreensão, mas que na maioria das vezes, em sua dubiedade, torna o texto mais malicioso, por isso mesmo mais atraente. Todavia é preciso esclarecer que a ambigüidade não se trata de uma imprecisão lingüística, visto que, conforme Carvalho (1999, p. 56), ela “é planejada e intencional, enquanto que a imprecisão é acidental e involuntária”. Na perspectiva lingüística, é a ambigüidade, decorrente da polissemia ou da homonímia, provocadora do riso, por conseguinte, responsável pelos efeitos humorísticos das piadas.

### 3. Descrição da fonte de pesquisa

Os dados desta pesquisa foram colhidos na Internet, no site HumorTadela, divulgador de piadas pouco controladas por regras sociais de “boa” moral. Dentre as muitas piadas exibidas, pelo já mencionado site, selecionamos quatro: a Opinião, a Última Pensão, o Irresistível e a Lógica Matemática. Nossa escolha justifica-se por duas razões: (1) as quatro piadas abordam o mesmo tema: a exploração do homem pela mulher, numa perspectiva do consumismo; (2) e a apresentação das mesmas, através não somente do texto escrito, como também da imagem.

### 4. Interpretação dos dados

O item anterior, já nos antecipa o tema abordado nas piadas selecionadas: a exploração do homem pela mulher, numa perspectiva do consumismo. Este, entendido como uma tendência a comprar exageradamente, é mais um poder exercido pelo aparelho ideológico sobre o corpo e a mente do homem moderno.

A partir desta perspectiva, podemos verificar que o discurso humorístico selecionado, apresenta-se sob as formas de gêneros textuais: o pensamento, a piada, o cartum e a nota de sala de aula.

O gênero que se costuma denominar de *pensamento* (Quadro 1) é confundido, muitas vezes, com o gênero conhecido como *provérbio*. Tal confusão justifica-se pelas semelhanças das características. Ambos são reconhecidos como máximas ou sentenças, produtos da atividade intelectual através da qual o homem formula conceitos e juízos de valores, aqueles que enunciam uma apreciação. É o *provérbio* um gênero de caráter mais popular, comum a todo grupo social, enquanto que o *pensamento*, de caráter mais literário, faz parte do conhecimento de grupos seletos.

As palavras-chave – homem/mulher, dinheiro, comércio, dívida – identificadas no exemplo abaixo (Quadro 1), constroem o seu sentido com base na formação ideológica em que estão inscritas. A forma *comércio*, usada em duas ocasiões, apresenta sentidos diferentes, visto que se inscreve em formações discursivas diferentes. Na perspectiva do homem é entendida como fonte de renda; na perspectiva da mulher, como fonte de consumo. Assim, a maioria dos homens concorda com tal afirmação, o mesmo já não acontece com as mulheres. Essas, em sua maioria, já não concordam. Portanto, confirma-se a afirmação de Eni Orlandi (2003, p. 42-3): “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”.

### Opinião

O homem descobriu o dinheiro e inventou o comércio.  
A mulher descobriu o comércio e inventou a dívida.

#### Quadro 1: O PENSAMENTO

O gênero *piada* (Quadro 2) também costuma ser confundido com o gênero *anedota*. Esta definida em Ferreira (1999, p. 1560), como “dito engraçado e espirituoso”. E aquela, definida pelo mesmo dicionarista (p. 136), como “relato sucinto de um fato jocoso ou curioso”. Seja em uma ou em outra perspectiva, ambas devem ser concebidas como produções ideológicas conscientes algumas vezes, e inconscientes na maioria das vezes.

Em outras palavras, o sujeito-enunciador, que pensa ser livre pra dizer o que quer, enuncia o que lhe é possível a partir do lugar social que ocupa. Percebemos, assim, no exemplo dado (Quadro 2), que não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos que funcionam no discurso, mas as suas imagens que resultam de projeções que cada um dos personagens fazem uns dos outros, e que nós, os leitores, fazemos dos três: pai, mãe e filha.

### A Última Pensão

A filha de pais separados faz 18 anos e o pai está todo feliz por emitir o último cheque da pensão que paga à ex-mulher.

Então ele encontra com a filha, faz o cheque e pede que ela lhe conte a cara da mãe, ao dizer-lhe que é o último cheque que ela verá da parte dele.

A filha entrega o cheque à mãe e volta à casa do pai para lhe dar a resposta.

– Diga filha, qual foi a reação dela? - pergunta ele, curioso.

– Ela mandou dizer que você não é o meu pai.

#### Quadro 2: A PIADA

O cartum (Quadro 3), a exemplo dos itens anteriores, confunde-se com a *charge*. Esta, a charge, entendida, de acordo com Ferreira (1999, p. 455), como uma “representação pictórica, de caráter caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que é do conhecimento do público”. O cartum, por sua vez, é definido, ainda por Ferreira (idem, p. 419), como um “desenho caricatural que apresenta uma situação humorística, utilizando, ou não, legendas”. A partir das situações humorísticas apresentadas, podemos começar a desvendar as identidades cultural e ideológica vigentes nas sociedades, particularmente na sociedade brasileira, proposta da nossa pesquisa.



Quadro 3: O CARTUM

Neste texto (Quadro 3), é possível não só identificarmos aspectos de intertextualidade – um gênero (o conto de fadas, *Aladim e a lâmpada maravilhosa*) em outro gênero (o cartum, *O Irresistível*) –, como, também, de interdiscursividade – o discurso humorístico é atravessado, não somente pelo discurso machista, como, principalmente, pelo discurso do consumismo. Sendo assim, o interdiscurso, conforme afirma Orlandi (2003, p. 44), “disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra”.

No mesmo exemplo (Quadro 3), nas representações das identidades masculina e feminina, percebemos nas linhas e entrelinhas, o culto ao corpo, aos bens materiais. A “lâmpada maravilhosa” e o “cartão de crédito” são, ambos, instrumentos de realização do desejo. O gênio – representação simbólica do aparelho ideológico – intervém na realização do desejo do sujeito do discurso, cerceando-lhe a liberdade de decisão, levando-o, sem que disso tenha consciência, a ocupar um lugar em determinada formação social. Assim, a identidade do sujeito mulher é garantida pelo lugar do Outro, o sujeito homem, e vice-versa. Ambos enunciarão o que é possível enunciar a partir do lugar que ocupam.

O texto (Quadro 4) a seguir, que identificamos como – *nota de sala de aula* – apresenta como característica principal a linguagem do simbolismo matemático, o que a princípio remete para a lógica matemática. Entretanto, quando analisado, percebemos como marca principal a *proposição*, objeto da lógica aristotélica. Nesta concepção, a proposição expressa os juízos formulados pelo pensamento. “O encadeamento dos juízos constitui o raciocínio e este se exprime logicamente através da conexão de proposições; essa conexão chama-se silogismo”, explica Chauí (1997, p. 183).

Assim, podemos desvendar a proposição, não somente do texto seguinte, mas de todos os demais aqui apresentados: todas as mulheres exigem tempo e dinheiro, o dinheiro é raiz de todos os problemas, logo, todas as mulheres são verdadeiros problemas. A conclusão é que todas as mulheres são problemas para os homens, naturalmente. Não devemos esquecer que pelas regras do silogismo, não é possível que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão seja falsa. Verificamos, portanto, ser o discurso machista aquele que é refletido em todos os exemplos aqui mostrados, o que não nos surpreende, visto que a sociedade brasileira é alicerçada numa estrutura patriarcal.

Acontece que a proposição é um discurso declarativo que, ainda de acordo com Chauí (idem, p. 185), “enuncia ou declara verbalmente o que foi pensado e relacionado pelo juízo”. Logo,

as categorias ou termos são os predicados atribuídos a um sujeito. E com tal podem afirma ou negar. Assim, podemos dizer: nem todas as mulheres exigem tempo e dinheiro, nem sempre o dinheiro é raiz de todos os problemas, logo, nem todas as mulheres são verdadeiros problemas.

DEFENDENDO A TESE:

① MULHER EXIGE TEMPO E DINHEIRO  
 $MULHER = TEMPO \times DINHEIRO$

② TEMPO É DINHEIRO:  
 $MULHER = (DINHEIRO)^2$

③ DINHEIRO É A RAIZ DE TODOS OS PROBLEMAS:  
 $DINHEIRO = \sqrt{PROBLEMA}$

④ SUBSTITUINDO:  
 $MULHER = \sqrt{PROBLEMA}$

SOLUÇÃO  $\Rightarrow$   $MULHER = PROBLEMA$

**A lógica Matemática - enviada por: Zeca Bordoada**

#### Quadro 4: A NOTA DE SALA DE AULA

Ora, se é possível duas ou mais interpretações de um mesmo texto, sempre uma haverá de ser a dominante. E, certamente, haverá de dominar aquela interpretação que for induzida pelas condições de produção. Estas poderão conduzir os sentidos das palavras para diferentes direções, ocorrendo, assim, a ambigüidade. Por conseguinte, o sentido de um texto está na relação que este mantém com quem o produz, com quem o interpreta e com outros textos e outros discursos possíveis.

Ao final dessa breve exposição, lembramos que esta é apenas uma amostra do nosso projeto de doutorado, que estamos começando a desenvolver. Portanto, todos os conceitos aqui expostos exigem estudos mais aprofundados, com respaldo histórico e científico. Assim, pretendemos, em nossas próximas produções, apresentar estes conceitos com maior profundidade, particularmente àqueles que remetem para anedota e/ou piada.

## 5. Considerações finais

Reportando-nos aos objetivos desse trabalho, alguns pontos devem ser entendidos como relevantes, para darmos continuidade ao nosso projeto de pesquisa, quais sejam:

- ✓ A ambigüidade – mecanismo lingüístico – justifica o riso, porém, não explica por que achamos graça na leitura do texto humorístico, particularmente das piadas, nosso objeto de estudo.
- ✓ Concebida como ideológica, a piada resulta em uma produção não-consciente. O que justificaria, possivelmente, o desconhecimento, quase sempre, de sua autoria.
- ✓ O humor das piadas fornece pistas que evidenciam os estereótipos preconceituosos cultivados na cultura brasileira.
- ✓ O discurso que se delineia nas piadas sexistas revela indivíduos que se imaginam senhor de sua própria vontade.

## Referências

- ALCALÁ, Carolina Rodriguez (2005). “Em torno de Observações para uma Teoria Geral das Ideologias”. In: *Estudos da língua(gem): Michel Pêcheux e a Análise do Discurso*. n. 1. Vitória da Conquista: Edições UESB, p. 15-21.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline (1985). *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense (Coleção primeiros passos, n. 20).
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine (2004). *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas (SP): Unicamp.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (2000). “Introdução: humor e história”. In: *Uma história cultural do humor*. Cynthia Azevedo e Paulo Soares [Trad.]. Rio de Janeiro: Record, p. 13-25.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de (1999). *A palavra é...* Recife (PE): Líber.
- CHAUÍ, Marilena (1997). *Convite à filosofia*. 8. ed. São Paulo: Ática.
- DRIESSEN, Henk (2000). “Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia”. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (orgs.), (2000). *Uma história cultural do humor*. Cynthia Azevedo e Paulo Soares [Trad.]. Rio de Janeiro: Record, p. 251-276.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FOUCAULT, Michel (2004). *Microfísica do poder*. 20. ed. Roberto Machado [org. e trad.]. Rio de Janeiro: Graal.
- HALL, Stuart (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tomaz T. da Silva e Guacira Lopes Louro [Trad.]. Rio de Janeiro: DP&A.
- MUSSALIM, Fernanda (2001). “Análise do discurso”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, p. 101-42.
- ORLANDI, Eni P. (2003). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas (SP): Pontes.
- POSSENTI, Sírio (2000). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campina (SP): Mercado de Letras.